

ARGUMENTO DA LINGUAGEM PRIVADA E PARADOXO DA INTERPRETAÇÃO

GUSTAVO GENERALDO¹; JULIANO DO CARMO²

¹Universidade Federal de Pelotas – gustavogeneraldo@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – juliano.ufpel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho pertence a área da Filosofia, com ênfase em Filosofia da Linguagem e Filosofia da Mente. Consiste, propriamente, em uma análise “behaviorista” do funcionamento da linguagem e da normatividade do comportamento. A proposta deste trabalho é procurar lançar luz sobre o “Argumento da Linguagem Privada” e o “Paradoxo da Interpretação” presentes no livro *Investigações Filosóficas* de Ludwig Wittgenstein. A estratégia consiste em explanar a impossibilidade de uma linguagem privada, por meio de um background behaviorista, procurando mostrar que a aquisição primitiva de linguagem ocorre através de um tipo de ação não-intelectual (sem pressupor qualquer linguagem privada).

Os resultados parciais desta pesquisa foram obtidos através da leitura *standard* das *Investigações Filosóficas* de Wittgenstein, de onde se obteve a compreensão e o domínio das ferramentas conceituais básicas, em especial o problema de “seguir uma regra” e o “argumento da linguagem privada”. Em um segundo momento, contrastou-se a perspectiva *standard* com a posição de Meredith Williams, que consiste, mas especificamente, em analisar os casos em que há uma relação assimétrica entre aprendiz e mestre na aquisição primitiva de linguagem. Por fim, analisamos os motivos pelos quais a estratégia interpretacional para a atribuição de significado é insustentável.

2. METODOLOGIA

Pesquisa qualitativa em bibliografia especializada e vinculada à perspectiva de investigação na área das Humanidades. Exegese do livro *Investigações Filosóficas* de Ludwig Wittgenstein e a compreensão da metodologia de Meredith Williams no diagnóstico de paradoxos em Filosofia. A exegese das *Investigações Filosóficas* teve como fio condutor os argumentos de Wittgenstein contra às teorias representacionais, e tendo como horizonte a hipótese de leitura das *Investigações* fornecida por Meredith Williams.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos parágrafos 243 ao 315, nas *Investigações Filosóficas* de Wittgenstein, encontramos uma série de argumentos que mostram a impossibilidade da existência de uma linguagem privada, ou seja, contra a possibilidade de que apenas o sujeito possui acesso direto e imediato às suas experiências e estados mentais. A maioria dos argumentos apresentados naqueles parágrafos carregam o compromisso com a crítica à postura anterior de Wittgenstein, sustentada no *Tractatus Logico Philosophicus*, a qual é em essência, representacional. Nas

Investigações, antes do núcleo da discussão sobre a linguagem privada, Wittgenstein sedimenta a estrada, fazendo diversas críticas às teorias representacionais – principalmente contra o “atomismo lógico”.

A impossibilidade de uma linguagem privada se sustenta na exata medida em que não existem parâmetros de correção para atribuir um significado no campo do interno, a não ser o da própria subjetividade. Ocorre, porém, que se uma linguagem, estiver sustentada unicamente na subjetividade, então ela é incomunicável. Os significados não podem depender somente do sujeito, eles têm de vir de outra parte. Caso os significados sejam dados de forma subjetiva, então a comunicação torna-se uma ilusão, e, portanto, não jamais poderíamos saber se falamos das mesmas coisas quando nos comunicarmos.

Wittgenstein procura demonstrar a impossibilidade da linguagem privada através de um exemplo: “Suponha que anotássemos em um caderno uma sensação recorrente com a letra S”. O exemplo tem o objetivo de alertar que, mesmo que possamos atribuir um significado a S, não podemos garantir a sua continuidade – não podemos, por meios internos, dizer que sempre significamos x por x; a memória e a mente são ferramentas que também falham.

Portanto, para Wittgenstein, não podemos falar de um acesso exclusivo das próprias sensações. Mas isso não as torna incomunicáveis. Pelo contrário, aprendemos a manifestá-las através de palavras (substituímos comportamentos primitivos por expressões da linguagem). Também não há um mundo cujo acesso seja exclusivo ao sujeito da experiência. A ideia é a de que o mundo interno transborda pelo externo. Através do comportamento podemos saber o que alguém sente. Seu rosto, suas expressões, revelamo que pode estar acontecendo sem que qualquer palavra seja dita.

O uso corrente dos significados é regido por regras, através das quais a própria comunicação se torna possível. De acordo com Wittgenstein, a linguagem é uma atividade essencialmente guiada por regras. As regras são os parâmetros externos de correção, que não estão disponíveis em posições defensoras de algum tipo de linguagem privada. Talvez o ponto mais importante da argumentação sobre seguir regras nas *Investigações* (§209-219) seja a ideia de que seguimos regras sem razões. Wittgenstein aponta-nos aqui para a noção fundamental de que a regra não é um ato intelectual, e sim uma espécie de *know-how*.

Através da discussão sobre a “impossibilidade de uma linguagem privada” e sobre “seguir regras” surge a discussão do problema da normatividade, isto é, o problema da determinação lógica e da determinação causal. Meredith Williams propõe que Wittgenstein trabalha com uma metodologia bastante simples. Wittgenstein utiliza exemplos de usuários competentes da linguagem (que dominam as regras) e aprendizes – usuários iniciantes em um contexto intelectual empobrecido (que segue as regras sem razões). O aprendiz compreende corretamente uma regra, pelas suas reações a ela, e pela aprovação do mestre.

Com estes exemplos, segundo Williams, o autor austríaco pretende revelar as confusões que ocorrem, e os mal-entendidos decorrentes do mau uso de nossos jogos de linguagem. Geralmente, após a exposição de tais exemplos, Wittgenstein extrai um paradoxo que é acarretado pela conflagração. As passagens que nos interessavam abriram o caminho para o indesejado paradoxo da interpretação que aparece no parágrafo §201 das *Investigações Filosóficas*, a saber, uma regra não pode determinar um curso de ação, pois toda regra pode estar de acordo com tal curso de ação.

A saída interpretacional é potencialmente problemática, pois a interpretação, por si só, não pode determinar o significado – é importante lembrar

que sempre é possível interpretar uma regra incorretamente. Uma saída através da interpretação acarretaria inevitavelmente em um subjetivismo, o que inviabilizaria o caráter essencialmente público da linguagem.

Num contexto primitivo de aquisição de linguagem (uma criança, por exemplo), o aprendiz não possui as ferramentas necessárias para interpretar as regras, ou o uso das expressões significativas. O interpretacionista comete um erro sugerindo que o aprendiz possui as mesmas habilidades do mestre. Cabe ao mestre a interpretação de uma regra, mas, o aprendiz, apenas segue-a cegamente. O comportamento do aprendiz é causalmente determinado pelo mestre até que o aprendiz se torne um usuário competente da linguagem.

O mestre se encontra numa posição categorialmente diferente do aprendiz; o mestre domina a linguagem, e por isso, é capaz de interpretá-la (mesmo erroneamente), mas o aprendiz não possui domínio dessa técnica, e portanto, não é competente o suficiente para interpretá-la – somente quando ele adquirir a autonomia em relação às regras da linguagem. Contudo, a interpretação não consegue resolver o problema para o qual ela foi inserida para explicar, a saber, sobre a determinação lógica e determinação causal.

Os resultados da pesquisa apontam para uma plausibilidade muito grande da metodologia proposta por Meredith Williams na leitura de Wittgenstein. A identificação de uma conflagração (confusão do meio de representação com o objeto de representação) e logo em seguida de um paradoxo, torna a leitura do autor mais fluente e objetiva. Ao que tudo aponta, a relação assimétrica entre aprendiz e mestre, onde ambos são determinados normativamente, é um elemento suficientemente forte para combater as teorias representacionais da mente (teorias que pressupõem geralmente algum tipo de linguagem privada ou inata).

4. CONCLUSÕES

Segundo a proposta de Meredith Williams, uma resposta behaviorista para a aquisição primitiva de linguagem é melhor do que uma resposta intelectualista (que pressupõe uma linguagem privada, mas enfrenta o problema do regresso de razões). O aprendiz seria causalmente determinado pelas regras que o mestre ensina, através do ensino ostensivo. Em um contexto intelectual empobrecido, como o do aprendiz, ele ainda não é capaz de se questionar sobre as razões, e por isso, segue as regras cegamente. O behaviorismo proposto por Williams, através da leitura de Wittgenstein, sugere que num contexto de aquisição de linguagem somos calibrados pelo treinamento e pela obediência cega.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

WITTGENSTEIN, L. **Investigações Filosóficas**. São Paulo: Editora Nova Cultura, 1999.

WILLIAMS, M. Master And Novice in the later Wittgenstein. **American Philosophical Quarterly**, Illinois, v.48, n.2, p.199 - 211, 2011